

Mesa Redonda 1: A SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: DESAFIOS PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Profª Drª Elsa Meinardi - Universidade de Córdoba/Argentina
Profª Drª Mary Neide Figueiró - UEL/PR\

Resumo:

Interações família-escola: alternativas para a superação do medo e da preocupação dos educadores com a possível reação negativa de pais, ao ensino da sexualidade na escola

Profª Drª Mary Neide Figueiró - UEL/PR\

A inserção da Educação Sexual nas escolas brasileiras foi reprimida por muitos anos, especialmente no período de 1930 a 1970 e várias tentativas de introdução deste tema, em sala de aula, foram refreadas. A história mostra que a repressão, com conseqüente punição a alguns educadores, ocorreu, na maioria das vezes, por interferência de pais dos alunos. Diante de um incidente ocorrido em outubro de 2004, em uma escola municipal da cidade de Londrina (PR), objetivou-se, no presente trabalho, fazer o registro histórico do fato e, a partir dele, refletir sobre como auxiliar os educadores a superar o medo e a preocupação com possíveis reações negativas de pais. Isto se faz necessário para que possamos potencializar a educação sexual nas escolas. Assim pode ser resumido o incidente: em um programa de rádio, uma professora de Ciências da 4ª série do Ensino Fundamental foi acusada por dois radialistas de estar “ensinando „atitudes pornográficas” em sala de aula”. A acusação foi feita pelos pais de uma aluna, adeptos da igreja Deus Vivo, que desaprovaram o livro utilizado pela professora, de autoria de uma psicóloga, o qual explica sobre a relação sexual, incluindo ilustrações claras. Como primeira alternativa para propiciar segurança aos educadores, destacamos a importância de se fazer reuniões com os pais, a fim de explicar os objetivos, os conteúdos e a forma de trabalho a ser desenvolvido. Consideramos não necessário solicitar autorização dos pais, pois este é um assunto amparado legalmente pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e, além disto, pedir autorização pode intensificar o tabu em torno do tema sexo. Contudo, caso a direção, professores e equipe pedagógica sintam-se mais seguros com a autorização, devem ter liberdade para fazê-lo até que possam ir ganhando mais segurança neste trabalho e, aos poucos, reconhecendo que não precisam mais fazê-lo. Se os profissionais da escola têm bagagem para reunir e orientar os pais sobre como educar seus filhos, nas questões da sexualidade, isto potencializará a educação sexual das crianças e jovens. Como tática para diminuir críticas por parte dos pais, alguns educadores solicitam aos alunos que o assunto discutido em sala não seja comentado fora, o que, certamente, os leva a entender que o tema é tabu e que a escola não está segura de que pode e deve ensinar sobre este assunto. Acreditamos e defendemos que, no processo de formação inicial e continuada, os educadores possam conscientizar-se da importância e necessidade da educação sexual para a formação das crianças e jovens, pois assim estarão fortalecidos para enfrentar possíveis reações negativas, caso venham a ocorrer. É essencial considerar que mesmo com todos os cuidados não estaremos totalmente livres de incidentes com queixas dos pais; porém, quando acreditamos no trabalho que fazemos, e o fazemos com amor, seremos capazes de enfrentar situações repressoras. Concluimos que é indispensável que os Órgãos

Públicos responsáveis pela Educação assegurem formação continuada em educação sexual para os educadores e, sobretudo, assessoria de profissionais especializados para acompanhar e supervisionar o conjunto dos trabalhos e para dar suporte frente às dificuldades.

Palavras-chave: educação sexual, sexualidade, sexo, escola, educadores sexuais.